

O GOLPE DE MESTRE DA INTELIGÊNCIA CUBANA NA VENEZUELA

Por José Miguel Alonso-Trabanco*



Hugo Chávez e Fidel Castro em 2006 (Rick Eglinton/Toronto Star/ZUMA).

O exemplo da atuação de Cuba na Venezuela mostra que os serviços de inteligência são multiplicadores de forças capazes de melhorar a posição geopolítica de um país e torná-lo um ator relevante em dinâmicas complexas.

Muito tem sido dito sobre o comportamento do regime bolivariano da Venezuela, seu caráter evolutivo, sua dramática má gestão econômica e o impacto que projetou em todo o hemisfério americano, incluindo suas relações bilaterais com Cuba.

À primeira vista, parece que – com base em referências acadêmicas clássicas de relações internacionais quando se trata de avaliar o poder nacional, como população, território, recursos naturais e tamanho econômico – a Venezuela é o parceiro principal. No entanto, falta um fator crucial para examinar como o equilíbrio de poder realmente funciona no quadro dinâmico dessa relação bilateral.

Além das evidentes afinidades ideológicas, políticas e diplomáticas entre os governantes de ambos os países, o fator crucial que passou despercebido até mesmo pela maioria dos especialistas é a forte presença e intensidade operacional das agências de inteligência cubanas na Venezuela. Uma imagem diferente – que desafia a sabedoria convencional – pode surgir quando se considera esse ângulo.

Tal tópico é importante considerando suas profundas implicações geopolíticas. Também levanta questões pertinentes: e se a Venezuela não for necessariamente o parceiro principal? O fato de não ter sido abordado talvez seja resultado da natureza intrinsecamente encoberta das atividades de inteligência. Além disso,

ambos os regimes não são exatamente conhecidos por sua conformidade com padrões básicos de transparência. Na prática, isso significa que informações relevantes e confiáveis sobre eles são notoriamente escassas. No entanto, a análise do que as fontes abertas fornecem é útil para elaborar uma avaliação situacional mais ou menos precisa, mas ampla.

PERFIL DOS SERVIÇOS DE INTELIGÊNCIA DE CUBA

De acordo com a sabedoria convencional, capacidades eficazes de inteligência estrangeira são geralmente associadas a grandes potências. A CIA americana, o MI6 britânico, o Mossad israelense, o SVR russo e afins geralmente vêm à mente quando o termo é mencionado. Claro, tal percepção dificilmente é injustificada. Em contraste, Cuba certamente está longe de ser uma grande potência, mas o alcance de seus serviços de inteligência não deve ser subestimado.

A *Dirección de Inteligencia* de Cuba – conhecida como G2 – foi inicialmente treinada pela KGB soviética e pela Stasi, o Ministério de Segurança do Estado da Alemanha Oriental, as mais fortes agências de inteligência do bloco socialista durante a Guerra Fria. Além disso, a resiliência que desempenhou um papel fundamental na sobrevivência do regime comunista cubano por seis décadas pode ser, pelo menos em parte, atribuída à capacidade de seus serviços de inteligência de monitorar a dissidência interna, consolidar o governo político e manter afastados rivais externos. Diz-se até que o próprio Fidel Castro foi alvo de centenas de tentativas de assassinato malsucedidas.

Sabe-se que a comunidade de inteligência cubana recruta estudantes universitários promissores, especialmente de programas de ciências sociais. Seu treinamento e métodos são baseados no desenvolvimento do profissionalismo e não na improvisação, ao contrário de outras agências de inteligência latino-americanas. Além disso, um forte ingrediente ideológico promove uma forte moral.

Outro aspecto que merece destaque é que a inteligência cubana não assumiu apenas uma posição defensiva. Na verdade, tem sido notavelmente ativa no exterior há décadas. Por exemplo, apoiou várias insurgências marxistas na América Central e do Sul durante a Guerra Fria. Também conseguiu se infiltrar nas agências de segurança nacional dos Estados Unidos e em grupos políticos cubano-americanos hostis ao regime socialista de Havana.

Por último, mas não menos importante, a inteligência cubana apoiou o envolvimento militar das forças armadas do país em teatros operacionais extrarregionais, como Angola, Vietnã e até o Oriente Médio durante a Guerra do Yom Kippur.

Em suma, apesar das limitações estruturais de Cuba – incluindo sua economia precária – os serviços de inteligência do país representam um grande trunfo em termos de projeção de poder. Com efeito, eles precisam ser entendidos como um multiplicador de força substancial.

PRECEDENTES DOS INTERESSES CUBANOS NA VENEZUELA

O interesse de Cuba na Venezuela não é novo. Além de denominadores culturais comuns e proximidade geográfica, os recursos energéticos da Venezuela são atraentes do ponto de vista de Havana. Além disso, é importante notar que a Venezuela foi justamente o primeiro país que Fidel Castro visitou após ter derrubado Fulgêncio Batista. No entanto, um pedido cubano de assistência econômica foi rejeitado por Caracas.

Em seguida, outras medidas não convencionais foram implementadas. De fato, o pessoal de inteligência e militares cubanos apoiou duas tentativas forçadas de provocar a mudança de regime em Caracas por meio da instigação de um levante popular armado. Ambos foram finalmente neutralizados pelas forças armadas venezuelanas. Esses incidentes certamente devem ter moldado a percepção dos generais, almirantes e altos quadros de inteligência venezuelanos: o governo cubano estava agindo como uma ameaça direta à segurança nacional venezuelana.

Décadas depois, mudanças nas circunstâncias da geopolítica global reacenderam os interesses estratégicos cubanos na Venezuela. Em outras palavras, o colapso da União Soviética deixou Cuba sem patrocínio geopolítico confiável e também sem apoio econômico generoso.

A preocupação mais premente para Havana era que sua segurança energética – que até então havia sido coberta por Moscou em condições favoráveis – estava agora em jogo. Um “período especial” de severas restrições orçamentárias teve que ser aplicado. No entanto, dificuldades econômicas prolongadas podem colocar em risco a sobrevivência política do regime de Castro. Portanto, uma solução precisava ser encontrada e, de preferência, antes que o descontentamento pudesse alimentar a agitação ou coisa pior.

A tentativa surpresa de golpe lançada pelo coronel venezuelano Hugo Chávez em 1992 foi um grande terremoto político, embora não tenha produzido o resultado pretendido. Em busca de apoio político para seu chamado movimento bolivariano, Chávez visitou Havana e foi recebido com euforia pelo próprio Fidel Castro, embora tenha manifestado apoio ao então presidente venezuelano Carlos Andrés Pérez, o líder que Chávez pretendia remover do poder.

Enquanto Chávez provavelmente estava apenas alimentando sua ascensão carismática ao estrelato político, o governante cubano – guiado pela previsão – deve ter percebido uma oportunidade estratégica valiosa. Assim, o Estado cubano passou a investir na carreira de um amigo ideológico que um dia poderia chegar a um cargo importante. Em contraste, Chávez aparentemente começou a ver Castro como uma espécie de mentor. Pode ter havido uma genuína simpatia mútua entre eles, mas a geopolítica é, em última análise, governada por forças impessoais. Isso certamente ficou claro em Havana, mas é discutível se a mesma visão prevaleceu em Caracas.

De fato, quando Chávez se tornou presidente vários anos depois, os laços bilaterais com Cuba foram significativamente fortalecidos. O regime bolivariano começou a fornecer apoio econômico a Havana, incluindo o fornecimento de petróleo em condições muito privilegiadas, embora o preço global do petróleo estivesse

subindo acentuadamente naquela época. Assim, Chávez pode ser considerado o salvador econômico do regime revolucionário cubano. É difícil determinar se ele estava ciente disso ou se estava desempenhando esse papel involuntariamente, mas os ditames do realismo político indicam que é uma possibilidade que não pode ser descartada.

Em troca do generoso apoio venezuelano, Cuba começou a enviar médicos, treinadores esportivos, técnicos e engenheiros para a Venezuela. Desnecessário dizer que a chegada de pessoal cubano à Venezuela forneceu uma cobertura ideal para colocar agentes de inteligência.

PONTO DE VIRADA E PRESENÇA CRESCENTE

No entanto, a posição cada vez mais radical e intransigente assumida pelo governo bolivariano alienou vários setores da sociedade venezuelana, incluindo a classe média, o empresariado local e – mais importante – algumas facções dos altos escalões militares do país e do aparato de inteligência, que ficaram profundamente desconfiados da influência cubana por causa dos precedentes históricos mencionados. Talvez tais suspeitas não fossem infundadas, afinal.

Isso motivou uma tentativa de tirar Chávez do poder. O golpe acabou fracassando, mas, em horas críticas, as forças da oposição cercaram a embaixada cubana e os líderes que assumiram brevemente o poder decidiram interromper o fluxo de petróleo venezuelano para Cuba. O que importa é que a influência cubana direta – aberta ou clandestina – já era uma realidade política reconhecida por todas as partes interessadas relevantes.

O governo bolivariano foi prontamente restabelecido graças a uma coordenação superior em termos de mobilização e, motivado por uma agenda revanchista, assumiu posições ainda mais intransigentes. Nesse contexto de crescente polarização, ocorreu uma grande virada: a presença cubana nos círculos estratégicos da Venezuela foi intensificada.

Militares cubanos começaram a chegar às bases venezuelanas. Uma nova doutrina militar – semelhante à de Havana – foi adotada. O treinamento ideológico e militar passou a ser ministrado por instrutores cubanos. Além disso, com a ajuda de agentes cubanos, a comunidade de inteligência venezuelana – incluindo seus ramos civis e militares – foi remodelada e expurgada de funcionários considerados “contrarrevolucionários”. Chegou-se a afirmar que especialistas cubanos atuaram na sala de situação presidencial venezuelana, envolvidos em tarefas relacionadas com a proteção do regime e acompanhamento de desenvolvimentos políticos relevantes.

Pode-se argumentar que, em sua paranoia, Chávez considerou que não tinha escolha a não ser recorrer a seus aliados cubanos agora que já não confiava em muitos setores do governo venezuelano. Em contraste, os cubanos aproveitaram esta situação como uma oportunidade para aumentar seu grau de influência estratégica nos setores mais críticos e centros nevrálgicos do Estado venezuelano.

Pouco tempo depois, havia “assessores” cubanos em várias embaixadas e ministérios venezuelanos. A elite governante bolivariana recebeu guarda-costas e

médicos cubanos. Em contraste, a presença militar venezuelana em Cuba era insignificante, pois tudo o que envolvia era um escritório de aditância. Em outras palavras, a relação estratégica – em matéria de segurança, inteligência e assuntos militares – tornou-se, no mínimo, profundamente assimétrica.

Alguns analistas podem qualificar esta situação como uma espécie de “ocupação”, considerando que a presença cubana na Venezuela atingiu proporções decisivas, ainda que Havana não tenha disparado um único tiro. Os cubanos não eram apenas influentes; eles agora estavam proeminentemente envolvidos no processo de tomada de decisão nos níveis mais altos. Como resultado de um erro de cálculo político de Chávez e seus colaboradores mais próximos, a soberania nacional venezuelana pode ter sido comprometida em grau significativo.

Outros fatos reveladores incluem o papel cubano na conformação das células paramilitares chamadas “círculos bolivarianos”, grupos de milícias civis armadas responsáveis por proteger o regime de Chávez e intimidar seus opositores, bem como na implementação de medidas draconianas de controle social, como a conexão entre a emissão de identidades oficiais e a introdução de sistemas de vigilância digital abrangentes.

No que diz respeito à política externa, Caracas passou a replicar os alinhamentos geopolíticos de Havana. A Venezuela tornou-se um aliado próximo das potências eurásianas hostis aos interesses dos EUA – principalmente Rússia, China e Irã – e até mesmo atores não estatais como as guerrilhas marxistas das FARC e o grupo militante xiita Hezbollah. Além disso, a Venezuela começou a comprar armas e equipamentos militares russos. Notavelmente, também foi discutida a perspectiva de uma hipotética confederação para unir formalmente Cuba e Venezuela, cujo pressuposto subjacente seria a percepção de que os interesses nacionais de ambos os países deveriam ser vistos como idênticos, independentemente de isso ser política e estrategicamente válido.

O REGIME DE MADURO

Quando Hugo Chávez foi diagnosticado com câncer, foi tratado por médicos cubanos em Havana. De fato, enquanto os venezuelanos – incluindo membros da elite governante bolivariana – foram mantidos no escuro, sua condição foi tratada hermeticamente como um segredo de Estado cubano. Compreensivelmente, os cubanos estavam preocupados que uma luta pelo poder sobre a sucessão em Caracas pudesse prejudicar os interesses nacionais de Havana.

No entanto, é impossível avaliar a extensão do papel desempenhado pelos cubanos na escolha de Nicolás Maduro. Sua formação ideológica castrista, sua falta de uma liderança carismática comparável à de seu antecessor e sua formação como militante e não como político de carreira – muito menos como estadista – levantam dúvidas razoáveis, especialmente considerando que a inteligência cubana poderia tê-lo considerado alguém que poderia ser facilmente manipulado.

Eventualmente, o declínio acentuado dos preços globais do petróleo e o subsequente colapso da economia venezuelana, devido a políticas erráticas – provavelmente motivadas por razões ideológicas em vez de decisões pragmáticas

– e a uma cleptocracia desenfreada, começaram a alimentar as crescentes tensões sociopolíticas. Como resultado, o aparato de inteligência venezuelano começou a usar táticas pesadas para manter o controle. Além disso, havia também dificuldades externas, já que o eixo continental bolivariano estava enfraquecido devido às sucessivas derrotas políticas.

Com o fim de Fidel Castro em 2016 e o destino incerto da Venezuela, Cuba passou a normalizar as relações diplomáticas com os Estados Unidos sob a administração de Barack Obama. Foi um movimento desesperado, porque revelou que os cubanos em algum momento pensaram que a Venezuela poderia escapar da atração gravitacional geopolítica de Havana. Portanto, suas apostas geopolíticas tiveram que ser protegidas. Teria sido totalmente imprudente não fazê-lo.

No entanto, o regime de Maduro provou ser altamente resiliente, embora tenha enfrentado isolamento internacional e crescentes desafios políticos em casa. Claro, o apoio das forças armadas venezuelanas e o uso instrumental do aparato de inteligência do país como ferramenta repressiva foram determinantes.

Além disso, o papel dos serviços de inteligência cubanos não pode ser negligenciado. Na verdade, a presença deles é mais notável do que nunca. O próprio Maduro está completamente cercado por conselheiros, agentes e funcionários cubanos. Talvez não surpreendentemente, a Venezuela ainda fornece petróleo barato para Cuba – aproximadamente 100 mil barris diários – mesmo que sua situação econômica doméstica seja no mínimo terrível, com base em indicadores como contração do PIB, hiperinflação e indisponibilidade generalizada de alimentos.

Curiosamente, de acordo com relatos de testemunhas oculares, em uma provável tentativa de tirar vantagem de sua tendência supersticiosa, sua comitiva imediata inclui até mesmo curandeiros cubanos que praticam *Santería*, uma religião esotérica afro-cubana sincrética. Como qualquer inteligência experiente perceberá, talvez o papel substancial que esses religiosos desempenham seja mais mundano do que espiritual. Dificilmente seria a primeira vez que a religião é usada como canal para realizar espionagem.

OLHANDO PARA FRENTE

É difícil prever como se comportará a relação bilateral num futuro previsível. No entanto, vários cenários precisam ser vislumbrados, juntamente com suas implicações para o campo da inteligência. Portanto, as seguintes possibilidades devem ser consideradas:

- **Continuidade do *status quo*:** no caso de Maduro – ou alguém como ele – permanecer no poder, a influência cubana permaneceria sólida como uma rocha. Além disso, Caracas poderia receber um apoio mais forte de grandes potências como Rússia e China, que são aliados geopolíticos de Havana. Este é, obviamente, o melhor cenário para a inteligência cubana;
- **Transição política negociada:** Um acordo entre Maduro e seus adversários como única forma de superar a crise venezuelana não deve ser descartado. Nesse caso, Maduro concordaria pacificamente em ir para o exílio –

provavelmente Havana – em troca de imunidade de processo legal e a preservação não molestada de sua riqueza pessoal. Como o resultado não é totalmente claro, isso abriria uma caixa de Pandora para a inteligência cubana. Sua influência ficaria comprometida se o próximo governo venezuelano não compartilhasse da agenda bolivariana. Nesse caso, os agentes de inteligência cubanos lutariam ferozmente para preservar o grau de influência que alcançaram. Em outras palavras, eles se tornariam atores na luta pelo poder que se seguiria e seria ingênuo não esperar a intervenção de outras agências de inteligência;

- **Interrupção repentina:** o fim abrupto do regime de Maduro pode se materializar se ocorrer um golpe bem-sucedido, um assassinato político for realizado, ou se estourar uma sangrenta guerra civil. Isso certamente mudaria o jogo e as consequências para a inteligência cubana seriam mais do que desafiadoras. Caso ocorra um expurgo, seus agentes podem ser despejados, mas, se estourar um conflito, os cubanos também serão engolfados e o G2 não terá escolha a não ser se envolver. Se sua posição de influência for perdida, seria um grave revés para a agenda geopolítica de Havana. Precisaria buscar outro benfeitor se seu satélite venezuelano desaparecer, de preferência antes que um potencial efeito dominó possa atingir a própria Cuba.

LIÇÕES APRENDIDAS

Este caso revela a importância das capacidades efetivas de inteligência como vetor estratégico de projeção de poder a serviço dos interesses nacionais. Por meio de seu aparato de inteligência, Cuba alcançou uma quantidade desproporcional de influência multidimensional na Venezuela. É sem dúvida uma das maiores realizações geoestratégicas de Cuba.

Tal realidade também enfatiza que serviços competentes de inteligência estrangeira não são desenvolvidos exclusivamente pelas maiores potências do sistema internacional. De fato, um Estado relativamente pequeno como Cuba pode influenciar países cuja massa crítica é consideravelmente superior. Em outras palavras, os serviços de inteligência representam um multiplicador de forças que podem melhorar a posição geopolítica de um país e torná-lo um ator relevante em dinâmicas complexas. Seu uso pode alterar decisivamente o equilíbrio de poder.

Publicado no [Geopolitical Monitor](#).

**José Miguel Alonso-Trabanco é profissional de relações internacionais com mestrado em Segurança Nacional e Inteligência Estratégica. Tem experiência como analista, pesquisador, conselheiro executivo, consultor, professor, palestrante e autor de trabalhos acadêmicos. Atualmente, cursa um doutorado em Estudos de Defesa e Segurança na Massey University, Nova Zelândia. Suas áreas de especialização incluem geopolítica, segurança, política, natureza do poder nacional, rivalidades internacionais, conflito, hegemonia, grande estratégia, novas arenas de competição estratégica e a crescente importância dos assuntos financeiros e monetários para as realidades geopolíticas do século XXI.*
